

EXISTE NATUREZA HUMANA PRONTA? UM BREVE COMPARATIVO ENTRE MARX E MAQUIAVEL

Maria Catarina Ananias de Araújo
Mestranda em Filosofia pelo Prof-Filo, núcleo UFCG
mariacatarinaan@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar um breve comparativo sobre a questão da natureza humana entre dois pensadores fundamentais da história da filosofia: Karl Marx e Nicolau Maquiavel. Embora tenham vivido e escrito suas obras em momentos distintos da modernidade eles se aproximam em um aspecto que nos chama a atenção, partem da história para analisar a realidade de suas respectivas épocas. Marx, estuda a exploração do homem ao longo do tempo defendendo a hipótese de que este é um ser histórico e, portanto, é moldado de acordo com a ideologia de determinada cada época. Maquiavel, por sua vez, parte da história para analisar como o poder político se instituiu ao longo do tempo e como o homem deve agir para conquistar e principalmente manter esse poder. De acordo com o primeiro, não é possível afirmar que existe uma natureza humana pré-existente, pois o homem não nasce formado, são as condições materiais com as quais ele defronta durante sua existência que determinará seu pensamento e suas ações no mundo. Já o segundo, afirma categoricamente que existe uma natureza humana pronta e que ela é má tendo em vista que, o homem não mede consequências para obter o que deseja. Ainda que, esses dois importantes autores tenham pontos de vista distintos a respeito da natureza do homem, é possível estudá-los no sentido de estabelecer uma reflexão que nos permita compreender a condição humana ao longo do tempo.

Palavras-chave: Marx, Maquiavel, natureza, homem.

1. INTRODUÇÃO

Karl Marx e Nicolau Maquiavel são sem dúvida dois expoentes da filosofia, elaboraram teorias que mexeram com a história do pensamento ocidental, analisaram profundamente, cada um a seu modo, os problemas estruturais que determinaram e ainda determinam a condição humana.

Por serem considerados filósofos críticos da tradição, ambos dividem opiniões até os dias hoje, suas teorias incomodam e são incompreendidas e distorcidas. Suas obras foram taxadas de subversivas e/ou imorais não devendo ser lidas por ninguém, mais pensar isso a respeito de qualquer um dos dois é uma prova de desinformação e ingenuidade, ambos têm muito a oferecer para refletirmos a realidade vigente. Nessa perspectiva, as questões que norteiam este trabalho são:

1. A concepção de homem em Marx.
2. A questão da natureza humana em Maquiavel

O pensamento de Marx e Maquiavel nunca foram tão importantes como hoje, onde as crises econômicas e os conflitos raciais, sociais e religiosos se espalham por toda parte e os discursos éticos tornam-se cada vez, mais difusos. Uma leitura séria e aprofundada das obras destes dois autores pode nos situar bem sobre a realidade e como ela se constitui.

2.METODOLOGIA

No que se refere à metodologia, se trata de uma pesquisa de cunho bibliográfico. Conseqüentemente, levantaremos um acervo teórico capaz de pavimentar e alicerçar o artigo, contemplando, aqui, primordialmente, textos fundamentados no pensamento de Karl Marx e Nicolau Maquiavel, como também, expandindo a pesquisa bibliográfica, a outros autores do campo de estudo da Filosofia. Acreditamos na relevância desse estudo, ainda que em caráter introdutório, para compararmos e buscarmos compreender como cada um concebe a ideia de natureza humana.

3. A CONCEPÇÃO DE HOMEM EM MARX

Karl Marx, foi um intelectual extremamente preocupado com a exploração que o ser humano sofreu ao longo do tempo. Para ele, com o surgimento da propriedade privada o homem trabalhador, ou seja, aquele desprovido dos meios de produção tornou-se vítima da exploração de outros homens que em menor quantidade dominam os que estão em condições vulneráveis. Isso ocorre, devido ao interesse econômico que move a sociedade, interesse que divide os homens, promove conflitos e gera a desigualdade (MARX, ENGELS, 1974, p.03) *“A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes”*

Em meio a luta de classes, que divide as sociedades com o passar dos séculos, a classe dominante assim denominada por Marx, procura introjetar na classe explorada os seus valores específicos como se estes fossem universais e atendessem aos anseios de todos. Ao universalizar seus valores a burguesia moderna assim como já acontecia nas sociedades antiga e medieval, controla ideologicamente o proletariado não apenas mantendo a sua dominação como ampliando-a pôr se utilizar do aparato da superestrutura (Religião, educação, política, filosofia, artes...) para manipular o pensamento de modo geral.

Segundo a concepção materialista da história, na produção da vida os homens geram também outra espécie de produtos que não têm forma material: as ideologias políticas, concepções religiosas, códigos morais e estéticos, sistemas legais, de ensino, de comunicação, o conhecimento filosófico e científico, representações coletivas de sentimentos, ilusões, modos de pensar e concepções de vida diversos e plasmados de um modo peculiar. A classe inteira os cria e os plasma derivando-os de suas bases materiais e das relações sociais correspondentes. (QUINTANEIRO, BARBOSA, OLIVEIRA, 2009, p.35)

É a este conjunto de fatores que Marx denomina de infraestrutura, ela é responsável pela produção dos valores universais acima citados, valores estes que reiteramos, são criados e disseminados por uma classe específica e que só atende na prática aos interesses dessa classe, que no caso da modernidade é a burguesia

Nesse contexto, a burguesia através de sua ideologia classista aliena o proletariado fazendo com que ele não se reconheça como agente ativo da história e mais ainda que ele não reconheça que suas ações provem das condições materiais que a economia lhe impõe. A classe explorada então tal como a própria burguesia passa a acreditar na autonomia do conhecimento que de fato não existe. (MARX, ENGELS, 2009, p.25)

São os homens que produzem as suas representações, as suas ideias etc., mas os homens reais, atuantes, e tais como foram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relações que lhes corresponde, incluindo até as formas mais amplas que estas possam tomar. A consciência nunca pode. Ser mais que o Ser consciente, e o Ser dos homens é o seu processo da vida real... Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência que lhes correspondem, perdem imediatamente toda aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento; serão, antes, os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos deste pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência.

O que ocorre então é uma inversão de consciência, planejada e executada para manter o homem sob dominação e exploração, só que de forma disfarçada, para que este não se revolte com sua situação real e ao mesmo tempo contribua para consolidar a inversão da sua própria consciência. O aparato burguês se vale da ciência, da metafísica e da própria filosofia para justificar sua opressão.

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstância de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. a tradição de todas as gerações mortas oprime como pesadelo o cérebro dos vivos. (MARX, 2003, p.07)

Logo percebemos que na concepção marxiana, o indivíduo desde o surgimento da propriedade privada até o momento recebe uma formação apenas parcial da realidade da qual ele faz parte e assim sendo, é impossível pensar em uma natureza pronta. Na verdade, Marx usa o termo *consciência* como o meio com o qual os indivíduos dependendo do conteúdo de sua formação intelectual vão absorver sua realidade histórica, salientando que sendo o homem é um ser histórico e sua consciência pode variar de acordo com a época histórica que ele vive. Por esse motivo, não se pode afirmar que haja uma natureza humana pronta e imodificável já que o homem é um ser passível de modificação de acordo com os interesses de classe de cada época.

4. MAQUIAVEL E A QUESTÃO DA NATUREZA HUMANA

Nicolau Maquiavel viveu em uma época politicamente muito turbulenta na Europa e na Itália especificamente, onde a instabilidade do poder era uma constante, sua teoria visa a formação de um governante capaz de tomar e manter-se no poder assegurando a ordem que tanto fazia falta naquele tempo. Ao tentar descrever como deveria ser o governante ideal nosso autor escreve um tratado sobre o que seria a natureza do ser humano, que o coloca como um divisor de águas na história da filosofia, fazendo com que ele seja taxado equivocadamente como um defensor da astúcia e da maldade.

Falamos num “poder maquiavélico” para nos referirmos a um poder que age secretamente nos bastidores, mantendo suas intenções e finalidades desconhecidas para os cidadãos; que afirma que os fins justificam os meios e usa meios imorais, violentos e perversos para conseguir o que quer; que dá as regras do jogo, mas fica as escondidas, esperando que os jogadores causem a si mesmos a própria ruína e destruição. (CHAUI, 1997, p.395)

O que Maquiavel pretende com sua nova teoria sobre a política é analisar a história tal como ela se apresenta, para demonstrar como o jogo político acontecia de fato e como se devia proceder diante de tais acontecimentos. De acordo com CHAUI (1997).

Sua obra funda o pensamento político moderno porque busca oferecer respostas novas para uma situação histórica nova, que seus contemporâneos tentavam compreender lendo os antigos, deixando escapar a observação dos acontecimentos que ocorriam diante de seus olhos (CHAUI, 1997, p.395)

Partindo da realidade, ele então começa a descrever como é o ser humano e como ele se comportada diante das diversas situações, ao passo que vai demonstrando como um príncipe deve proceder para a conquista do poder. Também aponta o que deve ser observado e o que deve ser evitado para manutenção do poder e para a autopreservação de modo geral.

Mas sendo minha intenção escrever coisa útil, destinada a quem por ela se interessar, pareceu-me, mas conveniente ir diretamente á efetiva verdade do que comprazer-me em imaginá-la. Muita gente imaginou republicas e principados que jamais foram vistos ou de cuja real existência jamais se teve notícia. E é tão diferente o como se vive do como se deveria viver, que aquele que desatende ao que se faz e se atem ao que deveria fazer aprende antes a maneira de arruinar-se do que a de preserva-se. (MAQUIAVEL, 1985, p.101)

No trecho acima citado, ainda não se pressupõe a existência de uma natureza humana formada, mas as condições reais nas quais essa natureza é gerada. Ao afirmar a distância existente entre a vida real e aquilo que o homem imagina dela, Maquiavel reitera.

Assim, o homem que queira em tudo agir como bom acabará arruinando-se em meio a tantos que não são bons. Daí ser necessário a um príncipe, para manter-se, aprender a não ser bom, e usar ou não usar o aprendido, de acordo com a necessidade. (MAQUIAVEL, 1985, p.101)

A partir desse momento já podemos detectar a presença de uma natureza do homem, vista de forma negativa, onde o ser humano que agir bem pode não contar com a reciprocidade de outros, que não são ou não pensam como ele. Nessa linha de raciocínio, a teoria maquiaveliana presume que o homem age segundo seus interesses ignorando as regras morais impostas pelo meio social. Isso “justificaria” a acusação de que Maquiavel faça apologia da

imoralidade para se atingir objetivos específicos, porém uma análise mais cautelosa prova o contrário, ele apenas quer demonstrar como as coisas acontecem de fato na vida social e como homem é passível de corrupção.

É que dos homens pode-se dizer geralmente o seguinte: que são ingratos, volúveis, dissimulados, esquivadores de perigos, ambiciosos de ganho; que, enquanto os beneficários, são inteiramente teus, oferecendo-te o próprio sangue, os bens, a vida, os filhos, como atrás já se disse, desde que não se mostre a necessidade disso. Quando, porém, ela se apresenta, eles se vão. (MAQUIAVEL, 1985, p.108)

Na passagem acima, extraída da sua principal obra *O príncipe* percebe-se o início de uma sistematização da natureza do homem adjetivado das piores qualidades possíveis, não merecendo assim nenhuma confiança, todos tendem a agir conforme as circunstâncias, sem necessariamente ter que admitir isso. Ainda, de acordo com Maquiavel é uma ilusão acreditar na ideia de que a sociedade é homogênea e boa e por essa razão produz seres bons com pensamento homogêneo.

A sociedade é originalmente dividida e jamais pode ser vista como uma comunidade uma, indivisa, homogênea, voltada para o bem comum. Essa imagem da unidade e da indivisão, diz Maquiavel é uma máscara com que os grandes recobrem a realidade social para enganar, oprimir e comandar o povo, como se os interesses dos grandes e dos populares fossem os mesmos e todos fossem irmãos numa bela comunidade. (CHAUÍ, 1997, p.396)

É nesse contexto que os homens nascem e vivem, acreditando em falsas concepções do mundo em uma realidade que só interessa aos poderosos, como seria possível então uma sociedade constituída sob falsos valores produzir seres bons? Para Maquiavel, isso é impensável, restando apenas aqueles que querem sobreviver em meio a barbárie disfarçada. Todos os estratagemas são necessários para garantir a manutenção de sua vida e quem não adapta sua natureza para a essa necessidade será destruído por outros.

Ainda conforme Maquiavel a divisão social entre os grandes e o povo não é algo natural, normativo como se faz parecer, ela sempre foi e continua sendo planejada e executada pelos poderosos, que pervertidos e gananciosos desejam cada vez mais oprimir o povo sem que necessariamente, isso seja perceptível.

Assim sendo, o homem já traz em si um espírito corrompido pelo desejo de dominação sobre o outro, ao se deparar com uma sociedade altamente degenerada acaba por assimilar o comportamento padrão. Maquiavel (1985:139) *“eis que os homens sempre se te mostrarão maus, a não ser que por necessidade se mostrem bons”*. Denunciando que o homem enquanto ser é mau por natureza e que sua forma de agir é dupla, na aparência se mostra íntegro, sensato e conciliador, mas na sua essência age de forma contrária para preservar-se, Maquiavel busca convencer-nos de que precisamos analisar a realidade tal como ela é, para compreendermos a situação moral e social com a qual nos deparamos. Portanto, na perspectiva maquiaveliana existe sim uma natureza humana condicionada a maldade, que desregra a sociedade ao longo da existência e da qual não se pode desviar.

4.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao estabelecermos um breve comparativo entre as duas visões em questão, concluímos que a para o pensamento marxista o homem é constituído a partir das condições materiais de sua existência, ou seja, a condição econômica, educacional e cultural de cada época é que determina a natureza dos indivíduos, que pode ser boa ou má a depender dos interesses dominantes vigentes. O pensamento de Maquiavel, por seu turno, trilha o caminho inverso, afirmando em sua obra mais distinta “O príncipe” que o ser humano é passível de corrupção independente das condições materiais, o autor florentino o caracteriza como dissimulado e a partir da sua habilidade em usar tal característica ele age não necessariamente com fins éticos, mais de acordo com a necessidade de conquistar e manter o que deseja. Para além do pensamento destes dois filósofos modernistas, a questão da natureza humana continua a suscitar debates e intrigar filósofos e estudiosos de outras áreas, entretanto não podemos prescindir da leitura de Karl Marx e Nicolau Maquiavel para compreendermos o homem e a realidade com a qual nos deparamos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da breve explanação acima, podemos afirmar que mesmo vivendo em épocas diferentes e com problemas distintos, Karl Marx e Nicolau Maquiavel escreveram obras de uma atualidade gritante, nunca os estudar foi tão importante como nos nossos dias.

Embora com perspectivas diferentes, ambos desmascarem muito da hipocrisia a qual os seres humanos foram submetidos ao longo da história, o que faz do pensamento deles “divisores de águas na filosofia ocidental” em que pese às notáveis diferenças.

Segundo Marx não é possível afirmar que exista de fato uma natureza humana porque conforme ele acredita, o ser humano é um produto histórico estando em constante transformação, ou seja, ele é um projeto inacabado e condicionado a ideologia de cada época de sorte que, sua consciência será alienada ou emancipada de acordo com o conteúdo ideológico e com a instrução que ele recebe.

Maquiavel como já estudaremos é mais radical, assim como Marx ele aceita a ideia de que o homem é um produto histórico, porém sua natureza é previamente corrompida pelo desejo intrínseco de dominação que atinge a todos. O que este importante autor desconsidera é a questão de que, o indivíduo recebe em sua formação uma visão apenas parcial da realidade, fato que deturpa sua consciência. Mediante esta constatação consideramos que o ponto de vista marxiano é mais seguro para tratarmos da questão da formação humana e de seu agir social, o que não implica necessariamente em desconsiderar a teoria de Maquiavel que também contribui muito para compreensão das questões políticas e sociais do nosso tempo.

REFERENCIAS

COSTA, Cristina. *Sociologia- Introdução à ciência da Sociedade*. São Paulo: Moderna. 2009.

CHAUÍ, Marilena. *Convite á filosofia*. São Paulo: Àtica.1997.

GRAZIA, S. *Maquiavel no inferno*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Civilização Cultrix, 1985.

MARX, K. ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____ *A ideologia alemã*. Lisboa: Presença. 1975.

_____ *O 18 de brumário de Luiz Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2003

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Maria Gardênia Monteiro de. *Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. 2.Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.